

SOBRE A NECRÓPOLE DE SANTO-ANDRÉ

(SANTIAGO-DE-CACÉM)

Na qualidade de bolsista do Instituto de Alta Cultura, em Dezembro de 1953 percorremos os museus do sul de Portugal, com a especial intenção de estudar a cerâmica campaniense.

No museu de Santiago-de-Cacém, uma vez mais nos detivemos pelo interesse que em nós desperta o valioso espólio que encerra. Graças ao seu conservador, Sr. Fausto Raimundo, que acompanhara o já falecido Dr. João da Cruz e Silva no labor de pôr a descoberto o balneário romano de Meróbriga, grande parte dos objectos avulso são salvos da garra do ignorante, alguns deles ainda com «sinais de vida». Merece o nosso louvor, tanto mais que nos presta todos os esclarecimentos de que é capaz e está levando a cabo, por indicação nossa, a organização de um ficheiro no qual consta a «história» do objecto antes de entrar para o museu, trabalho prévio e indispensável, até que um especialista seja designado para fazer a sua classificação e estudo completos. Foi ele que, mais uma vez, nos mostrou o que pôde apurar do espólio duma sepultura de incineração romana e que passamos a descrever.

Na propriedade «Fonte do Burro», aproximadamente 200 metros antes de chegar ao lugar «Deixa-o-Resto» para quem segue pela estrada que de Santiago conduz a Comporta-Melides, o seu proprietário mandara cavar uma porção de terreno para plantação de bacelo. Desta escavação resultou o aparecimento dos objectos a que nos referiremos. Já várias vezes os trabalhos do campo obrigaram-no a proceder idênticamente e de todas elas se registava o achado de ossos e cinzas dentro de vasilhas, acompanhados de outros objectos. Impressionado com tão «macabros» achados não mais mandou aprofundar, limitando-se a sementeiras superficiais.



FIG. I

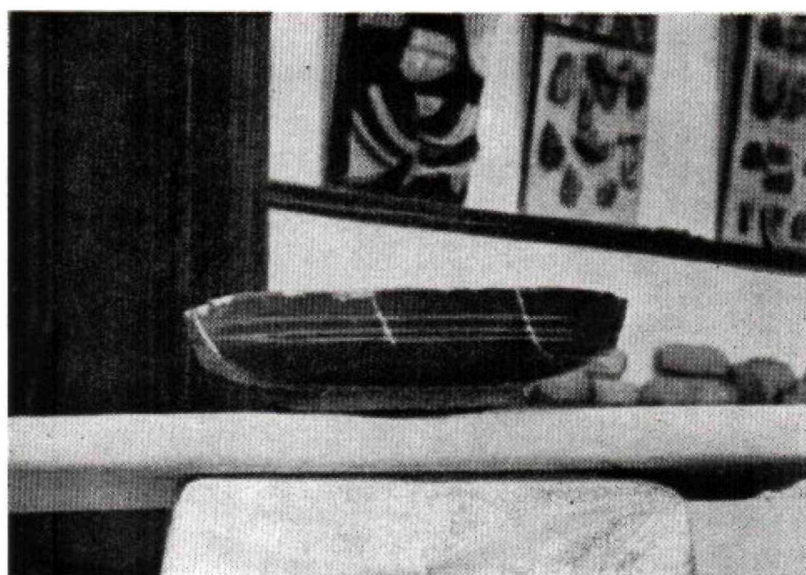


FIG. II

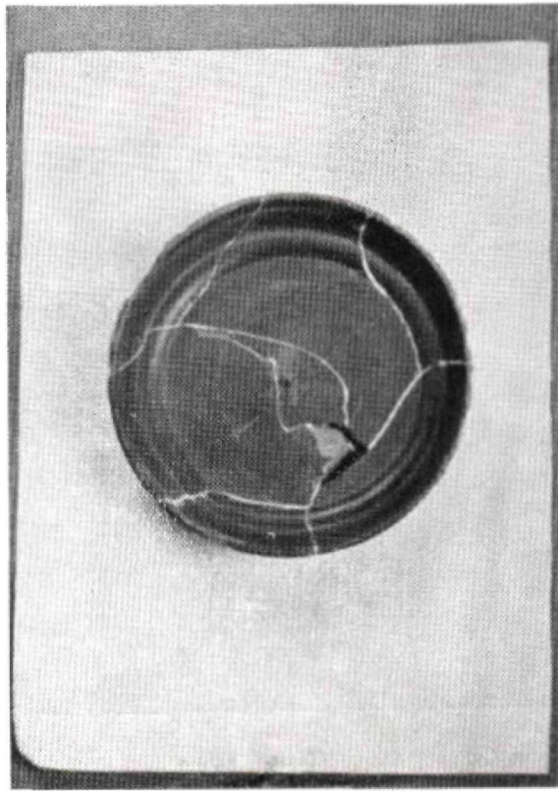


FIG. III



FIG. V

Em 1952 o referido conservador do museu municipal teve conhecimento de que tinham aparecido ali «objectos antigos». Uma vez no local viu:

Um vaso de cerâmica comum que fora urna cinerária e que agora não passava de um modesto vaso de flores e um prato de terra-sigillata já feito em fragmentos e que servia de brinquedo a um garoto que o multiplicava não se sabe por que unidade. A mãe do pequeno contou que o «vaso de flores» quando foi encontrado estava coberto com aquele prato de «barro vermelho» e continha dentro cinzas, ossos, uma «pedra

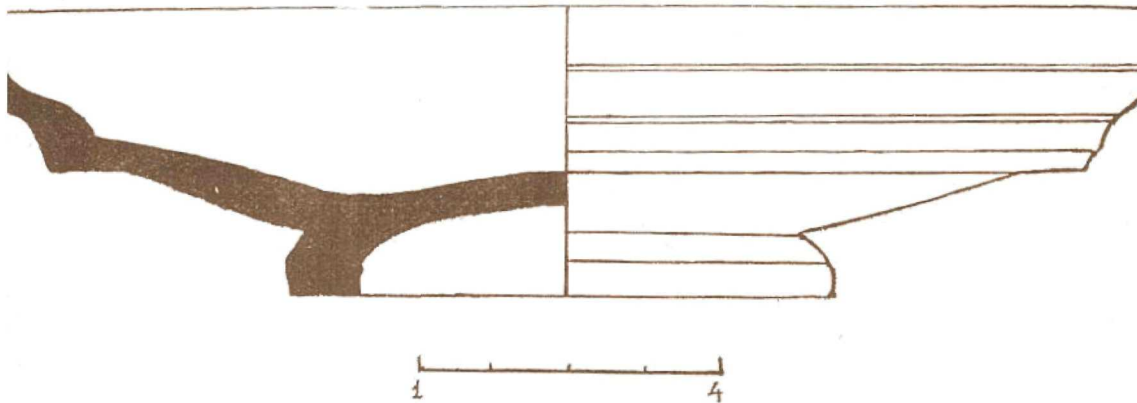


Fig. 1V

verde e brilhante», dois pratos de uma pequena balança e entre estes uma moeda (Fig. 1). Ainda junto a tudo isto havia uma «candeia».

O referido material foi levado para o museu municipal e ali pudemos fazer o estudo dos objectos que nos forneciam elementos cronológicos.

Figs. II a IV — prato de terra-sigillata sud-gálica, Drag. 15/17, com marca no interior, ao centro, inscrita num rectângulo — OF. SABI (oficina de Sabinus). Esta oficina laborou em La Graufesenque e Montans no período que vai de Nero (54-68) a Domiciano (81-96). Junto ao círculo que emoldura o sigillo vê-se um grafito (Fig. IV a). Com igual legenda existe um fragmento de um vaso de forma 24/25 proveniente de Conimbriga (1).

(1) Oleiro, J. M. Bairrão — *Elementos para o estudo da «terra-sigillata» em Portugal* — Revista de Guimarães, vol. LXI, n.º 1-2, 1951, pág. 100.

A oficina de Sabino fabricou as seguintes formas: Ritt. 8, Drag. 24/25, 27, 33, 15/17, 18, 18/31 31, 29, 37, 42 e 30 (Oswald, *Introduction*, na pág. 59).

Da forma 15/17 foram encontrados vasos em: Aislingen Pompeii, Carlisle, Newstead I, (Oswald, *idem*, pág. 179).

Fig. V — lucerna de cerâmica de cor alaranjada, forma Loescke IV ou Dressel II, tendo desenhada no disco a deusa Vitória que segura a palma na mão esquerda e na direita o escudo com as iniciais — EX.



Fig. 1Va

S C. (Ex Senatus Consultu). A forma Loescke IV aparece no reinado de Tibério sendo frequente a partir de então ao lado das Loescke IA, IB, II e III até ao reinado de Domiciano em que continua a «conviver» com as formas II e III e ainda com as IX e X.

Por último temos a moeda da qual não nos é possível dar a leitura integral por estar muito gasta:

Anv/ CAESAR. AUGUSTUS. PON. MAX..

Busto do imperador à esquerda.

Rev/ ilegível parecendo ter no campo as portas da cidade.

Temos portanto em resumo:

Prato de terra-sigillata — de Nero a Domiciano.

Lucerna — de Tibério (14-37) a Domiciano (81-96).

Como vemos, o único elemento discordante é a moeda, mas devemos ter em conta que esta dá-nos sempre um *terminus post quem*, já que as famílias dos defuntos tinham poucos escrúpulos em iludir Caronte, pondo nas sepulturas moedas que já não estavam em curso.

Podemos portanto datar a referida sepultura do ano 54 ao ano 96.

Nota: as fotografias apresentadas devemos-las à amabilidade do Ex.mo Snr. Eng. Beja da Costa a quem muito agradecemos.

MARIA DE LOURDES C. ARTHUR DE UBIETO